

Mundo

FOLHA DA TARDE

REDAÇÃO
123 — RUA DOS CORREIROS — 2.º

TODA A CORRESPONDENCIA DEVE SER DIRIGIDA AO ADMINISTRADOR
A. DE SOUZA PINTO

ADMINISTRAÇÃO
140 — RUA DOS CORREIROS — 1.º

ASSIGNATURA

Libros, trimestre 900 réis
Provincia, semestre (adiantado) 2.250 .
Brasil, por anno (moeda forte) 12.000 .

1.º Anno

Segunda feira 10 de julho — 1882

Numero 10

PUBLICAÇÕES

Anuncios, por linha 20 réis
Comunicados, por linha 60 .
Numero avulso 10 réis, passado o dia 20 .

TRIBUNA

PANFLETARIOS DA EPOCA



JORNALISTA

avido, no delirio do seu egoismo ou na vertigem dos seus odios, prende a honra dos adversarios ao pelourinho das suas paixões, e aponta ás iras da multidão a victima dos seus rancores. As suspeitas, de maximo vilipendio, são jogadas, em tom de jogralidade, a qualquer cidadão embora alquebrado pelos annos ou pelos infortunios, a qualquer collega, embora viva de impro-

bos trabalhos a um canto modesto de gabinete humilde. E a blasfemia da critica, com todos os horrores da injuria, lá vai cair com impeto fulminante no sacario da familia, fazendo desmaiar de intimas amarguras a esposa inerte, que carece de alentos para acariciar, em primores d'alma, a innocencia de seus filhos.

O martyr, assim vexado, cruza os braços ante o alevive feroz e iniquo, contempla a sua honra em affrontas e a familia em lagrimas, e interroga a sua inspiração se ha de immolar, a um saltador de reputações, o amparo da consorte e o futuro do seu lar.

O jornalista indigno arroga-se o direito de juiz e carrasco, faz gala de espíto e denunciante, e assim se ostenta com pasmoso descaio, perante a sociedade, que, apesar de corrupta, ainda tem vitalidade moral para pagar, em repulões intimas, actos tão revoltantes.

No meio d'este vandalismo, a philosophia pergunta á lei se não haverá, no parlamento, correctivo benefico para

esse abuso asqueroso, que, a todo o momento, ameaça subverter a sociedade.

Querem moralidade e ordem? Então que significa a desordem na imprensa?

Aonde está a logica do exemplo? Havemos de guiar a humanidade com o negro pendão de odios, doestos e injurias?!

Neste caso, onde está o nosso pudor?

Onde fica a nossa dignidade?

A imprensa tenta esmagar a imprensa. Neste esforço sacrilego, sacrificase a verdade, a consciencia, a lealdade, os principios de doutrina, as leis de decoro, tudo que ha de nobre, e tudo que ha de justo.

O jornalista venal, quando quer inutilizar um adversario, não hesita ante a insidia nem ante a calumnia. Discute a vida publica com a diatribe virulenta, com a mentira provocante, com a verrina ardente. Depois... invade o lar domestico, profana a vida intima, e vai cravar os bicos nojentos da sua penna crapulosa no santuario da familia. E fere, assim, como reptil immundo, perante a sociedade, que o contempla!

Não ha critica elevada, generosa, magnanima. Ha a injuria implacavel, tempestuosa e dissoluta.

E o jornalista, impellido por egoismo torpe ou por odios insaciaveis, avança sempre, ao lado da iniquidade, destruindo tudo sem nada respeitar. Para elle não ha patria, nem sociedade, nem familia. Ecco nefando de vis paixões, aggride, aggride sempre, até ferir de morte a honra immaculada da sua victima E por este tirocinio de vicios e de crimes conquista, muitas vezes, a protecção dos governos, timidos ou corruptos, que não tem pudor, em premiar, com benesses de benemerito, o jornalismo execrando. Está aqui o peor symptoma d'esta doença social.

Isto é deploravel; mas isto existe. E' preciso pôr o dedo em todas as degradações, para se curarem as chagas sociais. Se os parlamentos estão cegos, a lei será muda. Mas, se o

jornalismo ha de regenerar a sociedade, importa que primeiro se regenere a imprensa.

Eis a verdade fatal.

HAMLET

VIDA DA CÔRTE

VIRTUDES BURGUEZAS

Anastacio é um burguez idiota com presumpções, vaidades, julgando ter espirito e talento. Alem d'isto — conselheiro.

Carlota, uma rapariga alegre, leviana, tendo um grande pezar do seu casamento com aquelle homem, envergonhada da barriga do marido, da sua cara alvar e das suas lorpas pretensões.

Posto isto, vamos ás scenas.

Carlota—E' incrível isto! Não se pode viver assim. Tu vens ás horas que queres; ficas umas vezes por fóra; já me não trataes bem!

Anastacio—Tu és doida, filha. Então tu pensas que nós somos ainda dois noivos, para arrulharmos assim? Já lá foi o tempo. Não somos crianças sempre.

—Mas a idade não exclue amor.

—Não; mas exclue tolices.

—Tu chamas tolice, isso de cumprir com os teus deveres?

—E tu chamas amor ás pieguices de dois namorados?

—O que tu quizeres. Não nos exaltemos porém. Parece-me que não procedo mal, pedindo-te ao menos uma pouca de attenção para mim que sempre tenho conservado honrado o nome que me deste.

—E então? Não tens boa cama? Não tens meza farta, passios, liberdade completa?

—Isso, porém, se satisfaz o corpo, não consola a alma.

—Agora alma!

—Sim, a alma. Esta nutre-se de affectos, de amizade, de carinhos, de

dedicações; não é de feijoadas ou roast-beef, ou vinho de Collares ou bons colchões.

—E o que querias tu?

—Que fosses para mim o que foste.

—Explica-te.

—Que me beijasses, que me abraçasses, que fosses commigo para o campo, ver as relvas, os rios, os horisontes largos, as flores, a luz...

—Com esta barriga! E com a commenda! Não sabes o que dizes.

—Mas ao menos que não fizesses de mim uma criada ordinariissima, que te espera até ás tres e quatro horas da madrugada, e muitas vezes toda a noite. Por onde andas? o que fazes durante aquelle tempo? Andas com outras...

—Oh! filha, com outras!

—Sim, sim, com outras. Não tens barriga para isso, bem sei; mas tens dinheiro.

—Não ando, menina, garanto-te. Dou-te a minha palavra de honra.

—Espera que eu te acredite!

—Podes acreditar!

—Então o que fazes tu?

—Olha, com franqueza... eu re-dijo um jornal opposicionista. Tenho guardado segredo porque não quero que ninguem saiba. Sabes... sou empregado publico.

—Magano!

—E' a verdade.

—Bem, creio.

Nos respectivos aposentos.

Ella.

Meu querido Luiz,

O alarve de meu marido, entretido com umas mulheres que lhe sugam o dinheiro, e lhe diminuem a barriga, nem por sombras desconfia da paixão immensa que vincula as nossas almas, como pombas amantissimas... etc., etc.

Elle.

Minha Joannita,

A sonsinha da minha mulher está na melhor boa fé a respeito das minhas demoras nocturnas.

Disse-lhe a leria que tu me aconselhaste e acreditou que nem 'num mysterio da santa religião. Coitada! aquillo é o que está ali. Mansa, singela... d'aquella não receio eu traições. Assim eu as não receasse de ti, etc., etc., etc.

Elle—Mas que tens tu hoje, que te vejo tão afflicta?

Ella—Nada, não tenho nada.

—Oh! Jesus! que modos!

—Será melhor deixar-me.

—Senteste mal?

—Não sei, não me interroge. O ar. tem barriga de quem não intende o que se passa no coração.

—Não, isso agora mais cuidado. Facecias á minha barriga é que não servem.

—Então cale-se se as não quer ouvir. Deixe-me dormir, socegar. Estou muito doente.

—Se é preciso medico...

—Não é preciso medico; o que necessito é socego.

—Como quizeres. (Sai)

Ella, monologando:

—Se é verdade, se é verdade! Ah Luiz, Luiz, se me atraíçoas!

No café.

Anastacio — Tu estás mangando comigo.

Um sujeito—Não estou. Affianço-te que é a pura da verdade. A Joannita faz de ti gato sapato. Eu bem t'o dizia.

—Mas, elle, elle, quem é?

—Eu sei lá quem é! Um typo loiro, magro, lunetas esfumadas. E' notorio isso: um escandalo grosso. Na rua já se riem de ti.

—Ah! a coisa chega a esse ponto? Pois eu lhes direi quem é o commendador Anastacio da Motta. Eu que gastei dinheiro louco com aquella... mulher.

—Lei do mundo.

—Qual lei do mundo, nem meia lei do mundo. Em trabalhando um ar-

mas fortemente; a respiração era sensível e tepida; comprehendi que nada mais havia do que um longo desmaio, produzido pelo terror e pelo frio da agua.

Um dos barqueiros levantou os pés, eu segurei os hombros e a cabeça que pesava contra o meu peito.

Conduzimos-a assim, sem que desse signal de vida, até uma pequena casa de pescador, junto das ruinas de Haute-Combe.

A cabana servia de pousada aos barqueiros, quando levavam os curiosos, que desejavam observar de perto a soberba abbacia claustral e as pittorescas ruinas do seu castello.

Consistia numa loja estreita, escura, defumada, com um balcão e uma prateleira carregada de pão, de queijos, e de garrafas.

Uma escada, levantada junto do lar, conduzia a um quarto baixo, allumiado por uma janella sem vidraça, que dava sobre o lago.

O espaço era quasi todo occupado por tres leitos fechados, com portas como grandes armarios.

Era ahi que a familia dormia.

FOLHETIM OBRAS PRIMAS

RAPHAEL

(PAGINAS DOS VINTE ANNOS)

POR

A. DE LAMARTINE

XVII

O pequeno barco, sem vela, e difficilmente sustentado pelo impulso dos remos, dansava como casca de nos sobre as vagas cada vez mais altas.

A volta era impossivel; e era preciso mais de meia hora de fadiga e de perigo antes de chegar ao abrigo dos altos rochedos de Haute-Combe.

A sorte ou o destino que 'nesse dia dirigia a minha vela sobre o lago, fizera com que eu embarcasse 'num barco mais forte, armado de quatro vigorosos remadores.

La visiter 'numa ilha distante um

parente do meu amigo de Chambery, chamado M. de Chatillon.

A sua casa estava construida sobre o ponto mais alto da ilha, e ao longe parecia edificada sobre os rochedos.

Estavamos já muito perto, quando os meus olhos, que seguiam machinalmente a uma grande distancia o barco da estrangeira, descobriram o grave perigo que ella corria, na luta que a sua embarcação sustentava contra as rajadas do vento.

Virámos logo de bordo, os remadores e eu, 'num movimento unanime.

Atiramo-nos ao meio da tempestade em pleno lago para voar em auxilio do barco, que já desaparecia muitas vezes 'num horisonte de vagas espumantes.

Longa e terrivel foi a minha anciedade, durante a hora que nós empregamos em atravessar assim quasi toda a largura do lago.

Quando enfim attingimos a anciedade méta, a barca tocava na margem.

Uma vaga atirou com ella sobre a areia, junto ás ruinas da abbacia.

Soltamos um grito de alegria immensa! Precipitamo-nos sobre a agua, para correr mais depressa para o barco, e acudir á pobre doente naufragada.

O barqueiro consternado chamavamos em seu auxilio com gestos e gritos de afflicção.

Indicava-nos o fundo da sua barca, que nós não podiamos descobrir ainda.

Ao chegar, vimos a joven senhora desfallecida, todo o corpo coberto de agua e flocos de espuma, excepto o busto e a cabeça, que parecia morta, e que estava reclinada sobre a caixa de madeira, que serve para guardar na pópa as redes e as provisões dos barqueiros.

Os cabellos fluctuavam em volta do pescoco e dos hombros como as asas d'uma ave negra meio-submergida nas aguas. O rosto, sem perder todo o colorido vital, esmaecia na vaga tranquillidade d'um somno calmo.

Era a belleza sobrenatural, que o ultimo suspiro deixa nos semblantes das pallidas donzellas mortas, o mais

suave raio de lus na fronte d'onde fugiu a vida, o primeiro crepusculo da immortalidade, que depois illumina sempre as saudosas memorias.

Nunca a tinha visto assim, e nunca a tornei a ver 'naquella transfiguração sublime.

A morte seria o dia verdadeiro d'essa figura celeste? Ou Deus quereria dar-me, 'nessa primeira impressão, o presentimento da immutavel fórma, que estava destinada a sepultar na minha eterna saudade a sua formosura divina?

XXIII

Entramos na barca para levantar a moribunda do seu leito de espuma, e transportar-a para além dos rochedos.

Puz a mão sobre o seu coração, como a teria posto sobre o globo de marmore.

Approximei o ouvido dos seus labios como o teria approximado dos labios d'uma criança adormecida.

O coração batia irregularmente,

roixo, já as leis do mundo deixam de regular.

—Não val a pena: despreza-a.
—Tués doido! É só tirar, tirar dinheiro da algebeira, seduzir um homem, porque ella seduziu-me, e depois, ás escondidas, ir ter com outros. Eu lhes contarei.

—Vê o que fazes, homem!
—Deixa-os á minha conta. E obrigado.

Anastacio—Carlota.
Ella—Que queres?
—Estás vestida já?
—Puz agora o chapéu.
—Bem.
—O que queres?
—Lembrava-me de uma coisa.
—Dize.
—Irmos hoje tirar o retrato. A tia Luiza tanto pediu...
—Sim; se queres.
—Está bom dia. Damos um passeio. Estreias aquelle collar...
—Pois sim, sim. Tiramos um grupo?
—Está visto.
—Mas a ir, é cedo.
—E' já. O' Sebastião, vá chamar um trem.

Na photographia.
Anastacio.—Por onde é o caminho?
O empregado.—Ahi á direita, essa porta de fundo.
—Está alguém a tirar o retrato?
—Duas pessoas; pode entrar.
Carlota—Vamos incomodar talvez.

O empregado.—Ora essa, minha senhora, faz favor. Empurrem a porta. Isso.

Anastacio abre a porta, dá o braço á esposa, e entra triumphalmente. Ficaram ambos petrificados. Luiz e Joanninha, em pé, mãos por sobre os hombros, retratavam-se, encostando-se amorosamente.

Anastacio correndo para Joanninha.

—Ah! minha menina das duzias, até que te apanhei. Que é feito dos meus braceletes, do meu dinheiro?

Carlota correndo para Luiz:

—Ah! meu infame, vejo-te afinal. Que é feito do meu coração que tu me roubaste?

O photographo—Que sucia de bebados!

HEITOR ANCEL.

D. Revolução

Foi approved na camara dos pares o Syndicato de Salamanca. Isto foi rastilho que vai gerar ahi uma revolução de mil diabos. Os animos estão exaltados. Hontem á noite pelas ruas cantava-se a Maria da Fonte e falava-se da padeira de Aljubarrota. Dos botequins da Mouraria uns farçolas enviaram ao *Correio da Noite*

A mãe e duas raparigas, a quem nós entregamos a joven senhora desfalçada, retirando-nos por decoro para fóra da loja, collocaram-na sobre o escabello do lar, e accenderam um fogo brando de palha e de giestas; desaperaram-na, tiraram-lhe os vestidos para os seccarem, enxugaram-lhe o corpo e os cabellos, e levaram-na depois, ainda desmaiada, para um dos leitos, onde tinham estendido lençoes de linho, aquecidos ao fogo do lar, segundo o uso dos camponeses d'aquellas montanhas.

Tentaram em vão obrigar-a a beber algumas gottas de vinagre e de vinho para lhe reanimar a vida.

Vendo que todos os seus esforços eram inuteis, desataram a chorar e a gritar de tal fórma, que nos causaram um grande susto.

—A menina está morta! está morta!—bradaram ellas;—chamem o senhor padre.

Os barqueiros consternados juntavam-se ás mulheres no côro de prau-to, e redobravam a minha afflicção.

Galguei a escada em dois saltos, entrei no quarto e inclinei-me sobre

um requerimento, pedindo para publicarem o *Fado da Revolução*, hymno patriótico devido ao estro de um carpinteiro dos sitios. Correm proclamações, excitando o povo á revolta. Vagamente, ouvem-se as palavras —barricada, assalto á camara, morte, regicídio...—um verdadeiro pavor.

Andam pelo ar toques marciais de clarins, gritos de rebeldes, ameaças de conjurações.

Nas familias, ao chá, fallavam os Accacios—do vortice que enguliu Portugal e da podridão monarchica. Mulheres descabelladas, que leram o *Correio*, saem com os olhos fulgurantes, á procura da sr.^a Angelina Vidal; operarios dão vivas á republica, e ao sr. Theophilo Braga; noticiarios sem emprego de-zatam em grande vivorio ao sr. Magalhães Lima, e a outros tribunos d'esta estufa.

O diabo! verdadeiramente o diabo! Fala-se até em *meeting* na rua de S. Marçal, ás 11 horas.

Um *réclame* á cerveja e á D. Revolução.

H. A.

Chegam, até ao nosso escriptorio, os boatos mais estapafúrdios dos manejos politicos do dia. Uns affirmam que os partidos opposicionistas, colligados com o elemento republicano, promovem hoje um escandalo de effeito scenico nas galerias de S. Bento. Outros juram que os manejos da rua tem por fim illudir o governo e preparar os animos para uma manifestação das cazernas.

Esta comedia, que se está representando, revela a triste verdade de que não ha elevação civica, nem disciplina nos partidos militantes. Hontem caiu o governo progressista diante de Lourenço Marques; hoje as victimas do tratado com a Inglaterra movem guerra feroz ao caminho internacional—Porto-Salamanca.

Politica de reprezalias.

O fim de tudo isto é o amor da patria? Não. E' o amor da barriga. Ninguem quer defender o lustre da bandeira nem o purismo das doutrinas. O que todos querem é comer, e no fim é, sempre, o povo quem paga a conta.

Na contenda de Lourenço Marques, os marcanos do partido regenerador insurgiram-se contra o sr. Fontes, porque o illustre estadista não quiz annuir a manejos esturdios. E os aprendizes do officio de governar, do grupo do sr. Fontes, principiam a gritar que o seu chefe estava decrepito e impossivel,—que aquelle idolo caduco seria substituido por um campeão do mundo novo.

Estas lerias, *mutatis mutandis*; estão-se reproduzindo actualmente no partido progressista em relação ao sr. Braamcamp, que teve o bom senso de fugir d'este cahos.

o leito. O crepusculo irradiava ainda. Toquei com a mão na fronte: estava ardente; distingui o movimento fraco mas regular da respiração, que levantava e abaixava alternativamente o alvo lençol estendido sobre o peito; fiz calar as mulheres, e pedi a um dos barqueiros mais novos que fosse a toda a pressa chamar um medico.

Havia um, disseram-me, a duas leguas de Haute-Combe.

O barqueiro partiu a correr.

Os outros sentaram-se junto do balcão, tranquillos com a certeza de que a senhora não estava morta.

As mulheres subiam e desciam da loja para o quarto, afflictas, angustiadas, julgando que realmente não era possivel evocar á vida aquelle corpo inanimado.

Eu fiquei sentado sobre um sacco de milho junto do leito, as mãos cruzadas nos joelhos, os olhos fixos no rosto immovel e nas palpebras cerradas da pobre senhora desfalçada.

Sobreveio a noite. Uma das raparigas fechou a porta da janella, e suspendeu uma candieira na parede. A

Parece que isto está a pedir ba-nhos de chuva.

O sr. Fontes declarou ao Poder Moderador que não pedia a demissão, porque isso seria um pessimo precedente, que poria em constante contingencia qualquer governo futuro.

O illustre presidente do conselho de ministros está resolvido a acceitar a lucta em todos os campos em que lh'a offerecerem.

Isto—o que corre—á ultima hora.

A penúltima hora

Chegámos agora da rua de S. Marçal. Muitos vadios e muitos policias. Esperava-se pancada brava e affinal estava tudo a olhar para o ar. Vimos alguns burguezes de mãos nos bolsos e palito ao canto da bocca, e o sr. Coutinho de Miranda esboga-lhando os olhos de fórnica que mettia medo á gente.

Aquella turba, que devia arrazar o mundo, apresentou-se-nos com ar monastico e um pouco ascetico.

Afinal não são revolucionarios: são monges.

A ultima hora

Lá vai a procissão na rua. Parece o cyrio do Cabo sem philarmónica. Vão para o parlamento. Deus os faça felizes.

PRISMA POLITICO

De diferentes pontos do paiz chegamos o eco doloroso dos gemidos da fome. O povo do norte e do Algarve, querendo evitar os horrores da miseria, tem attentado contra a liberdade do commercio. A intenção salva o delicto.

A economia politica, que se contenta em santificar o principio do livre-cambio, não dá um balsamo para estas chagas do pauperismo. Até hoje, a economia politica só tem servido de ponto de apoio ao exercicio livre do capital. Mas, perante a turba famelica, sem trabalho e sem pão, a economia politica é simplesmente a zombaria cruel da desgraça.

Capital!

Que capital haverá n'essas choupanas, perdidas nos alcantis das nossas serras e nas planuras de aridas charnecas? Que capital pôde derivar do tugurio humilde ou da cabana de colmo, que se vê entre urzes e sarças, na solidão dos ermos alpestres?

E' o capital do trabalho, que ás vezes ninguem procura, e que por tanto deixa o capitalista na triste agonia do infortunio.

O povo, evitando que lhe tirem o pão, obedece ao instincto sagrado do direito pela existencia. A lei, que deve ser o instincto sagrado da alma pela humanidade, a lei deve ter um conforto para os tristes.

luz caía sobre o lençol e sobre o rosto adormecido, como um cirio sobre uma mortalha.

Ai de mim! já tenho velado depois sobre outros rostos, desmaiados no gelo da morte, que não acordaram mais ás lagrimas da minha saudade.

XIX

Talvez nunca a alma d'um homem se abysmase durante longas horas em tão forte e estranha contemplação.

Suspense entre a morte e o amor, era incapaz de comprehender se a angelica figura adormecida diante de mim seria depois uma eterna dor ou uma eterna adoração, que essa morte me preparava no seu mysterio, ou que a luz do sol havia de illuminar com as formosas irradiações da vida.

As momentaneas agitações do somno que não podiam arrancar-a ao profundo lethargo, descobriram um dos seus hombros, sobre o qual rolavam os aneis do cabello espesso e negro. O collo, reclinado sobre o travessieiro,

O sr. Fontes, segundo corre, resolveu fazer:

- 1.º nova lei eleitoral;
- 2.º camaras constituintes;
- 3.º reforma da Carta.

Este guizado politico, mau grado nosso, é um tanto indigesto, e o estomago da patria soffre de dyspepsia reformista. Mas, apesar de todos os pezares, a reforma dos avançados será feita pelos conservadores.

Tem graça e não offende.

A futura sessão legislativa deve ser feracissima em episodios. O periodo inicial de nova lei ha de ser curioso.

Diz-se que o sr. Mello Gouveia, ministro da marinha, iusta pela exoneração. Allega s. ex.^a que o estado melindroso da sua saude lhe não permite o bom desempenho dos deveres inherentes ao cargo.

O sr. Mello Gouveia, que tem uma idade respeitavel, não gosa effectivamente de boa saude. Alem d'isto faz muita falta na Sociedade Agricola, onde é director. A exoneração, portanto, é apenas uma questão de oportunidade. Encerrada a camara, é muito provavel a modificação ministerial.

Fala-se nos srs. Chancelleiros e Moreira de Rei para substituir o sr. Mello Gouveia. Dois viscondes, dois talentos, duas linguas de prata e dois valentões. Para um ministerio, de energia reformadora, cada um d'elles está no caso. Os grandes perigos só podem ser superados por homens de tempera, e n'este momento, em que se nos diz que a Dona Revolução saí hoje para a rua, nós preferiamos que ella fosse recebida por qualquer dos nobres viscondes, que são, no parlamento, os domadores das feras politicas.

Domadores—com licença do sr. Vaz Preto.

HAMLET.

CULTO DA ARTE

NO PALCO—RAÚL DIDIER

Damos hoje uns delicadissimos trê-chos do livro de Raul Didier, conforme o que prometteramos.

ERNESTO:

E não terminei 'inda: os serios como tu, dizem talvez de nós, com um desprezo cruel: Vadios! estroinões! poetas do retento. Nunca o ralo ideal dum nobre sentimento, Vos pôde fazer luz nas almas trivases, Que vivem a dormir. Como vos enganase! Como a nossa alma corre a toda a redida soita Os desertos do amor, e sempre que ella volta Da larga correria e aspera licção, Que lagrimas de fel—chora a desilusão! Mentis covardemente! abri o nosso peito E achai-o-beis um cofre apoucado, estreito, Para coeter, Raul, as lagrimas, a dor! A fé, a creença, o bem, os odios e o amor! O odio, o odio, sim! porque é um sentimento Irmão gemeo do amor e, como elle—um tormento!

dobrava-se ao peso da cabeça, que pedia para traz unida á espalda nua. Era a suave nudez d'um collo de marfim, destacando-se da côr pardacenta da grossa camiza de linho, com que as camponesas a tinham vestido. N'uma das suas mãos brilhava um pequeno anel de ouro, matisado de rubis, em que reverberava a luz. As raparigas da casa tinham-se deitado, vestidas, sobre o pavimento, e a mãe adormecera n'uma cadeira ao fundo do quarto. Quando cantou o gallo, as mulheres saíram, com os soccos na mão, e desceram a escada sem ruido, para irem ao seu trabalho. Eu fiquei só.

XX

Os primeiros raios do crepusculo da manhã começavam a filtrar-se através das fendas da janella. Abria, esperando que o ar vivo, matinal e balsamico do lago e das montanhas, e sobre tudo a luz do sol tivessem a geral influencia sobre o despertar da natureza n'aquella vida, que eu desejaria reanimar á custa da minha propria vida.

RAUL:

Não seas leviano! és meu amigo, diz? Pois tu vaes vêr, vaes vêr, como serás feliz! Quando tens um filho, um poema de ternura. Ao vel-o julgaras librar-te pela altura, Scintillante de azul e nuvens e luar; Hasde sentir no peito os fremitos do mar Do amor de tua esposa, e hasde pedir á aurora. As perolas de neve e nacar que ella chora, Para fazer, cantando, artista do ideal, Como um collar de soes e notas do crystal, Que ao tempo que te cinja aos sonhos do presente, Solto os hymnos do céu do teu viver contente!

ERNESTO:

..... Não venhas com instancias Nem com umas madrigas de eterno massador: Eu para ser feliz, sincero, ter amor, Ser bom, ser generoso, amigo das creanças, Ouvir da natureza as limpidas romanças, Sentir por toda a alma os canticos do Bem, Amar perdidamente a nossa boa mãe, Ser teu amigo e muito—ahi creio dispensavel O Juizo da mulher, que affirmas adoravel!...

RAUL:

E' inutil discutir, contigo, meu irmão! Ernesto, se não fosse agora a occasião Que sabes, eu riria e mesmo com vontade, Da tua críancice,—uma fatalidade! Quando terás juizo e te beides eu vêr pensar Humanamente,—sim? Quando haes tu deixar Os prismas imbecis da tua phantasia? Que viver esse teu! Fazes da noite—diz: Recolhes quasi sempre ás sete da manhã; Tinhas uma saude intemerata e aã, E um appetite enorme; havia no teu rosto Os rubros tons gentis do rosicler de Agosto. Sahias a cavallo: andavas mais jovial; Conversavas conmigo, á tarde, no quintal Onde gostavas de ir colher uma camelia: Fallavas-me de ti, da sevilhana Amelia, De muitas coisas mais: agora apenas tens Uns rudes palavrões, uns ditos e uns desdenos Para tudo que é grande e nobre e generoso!... Doira-te a pallidez dum bobemio desditoso, Almoças pouco e mal; andas tão outro enfim, Que muita vez até, pareces outro, sim!

COLUMNNA ROSTRAL

O sr. Carlos Relvas deve terminar, amanhã, os trabalhos photographicos, que reproduzem os primores artisticos dos salões da arte ornamental. O distincto amador abriu ás suas esplendidas produções uma assignatura limitada, destinando o producto ao hospital da Gollegã.

O sr. Carlos Relvas apresenta-se-nos, n'este intento, como genio artistico com diadema humanitario.

Nós applaudimos o artista e o philanthropo.

Os redactores do *Correio da Noite* deram hontem, em musica, a *Maria da Fonte*, que tinham promettido em panffeto. Afinal, cumpriram a promessa com toda a bizarría lyrica.

A *Folha do Povo* diz que o *Mundo* tem um camapheu e um pavão.

O mundo, caro collega, está cheio de camapheus e de pavões. Estes elementos são os que mais abundam em todos os mercados.

A *Folha do Povo* prefere que o *Mundo* tenha um pharol. Pharol não, mas um pharolim; talvez, para vermos, ao longe, os desejos do collega.

O sr. Ribeiro da Cunha, que estava em Vidago, regressou, hontem, á capital.

Um ar frio e glacial espalhou-se no quarto, e apagou a luz quasi extincta. Mas o leito ficou sem movimento. Ouvi as orações das pobres mulheres, que rezavam antes de começar o trabalho. A ideia do rezaar sobreveio-me tambem ao coração, como acontece a toda a alma, que se sente desalentada, e que precisa de uma força mysteriosa e sobrehumana para exaltar os seus intimos desfaltecimentos. Ajoelhei no pavimento, as mãos juntas á beira do leito, os olhos fixos no rosto da pallida donzella desmaiada.

Rezei longo tempo, ardentemente, até chorar. As lagrimas acabaram por inundar-me os olhos, e por esconder-me o semblante d'aquella, cuja vida eu supplicava a Deus com todo o fervor da minha alma.

Passaria assim muitas horas, sem apreciar a duração do tempo, e sem sentir a dor dos meus joelhos sobre as taboas asperas, tanto o meu pensamento era absorto por uma unica sensação e por uma unica vontade.

De repente, levando machinalmente as mãos aos olhos para enxu-

Estimamos que venha completamente restabelecido dos incommodos hepaticos, que ultimamente o teem importunado.

O sr. Ribeiro da Cunha é um ornamento da escola humanitaria.

Os nossos cumprimentos e os nossos respetos.

O sr. Magalhães Lima, director politico do *Seculo*, é esperado em Aveiro.

Consta que vai organizar um estabelecimento bancario, em Paris, o sr. visconde da Gandarinha, capitalista muito respeitado na praça de Lisboa e de Londres.

Foi nomeado ministro em Lisboa da grande republica norte-americana, o sr. John Francis.

COSMOGRAPHIA NOTICIOSA

Miss Lurline

Lembram-se d'ella? da gentil americana, que estava tanto tempo debaixo d'agua, e tão á vontade, que parece que inspirava o ar que nos ia faltando á vista d'aquelle espectáculo novo e grande? Pois tambem ella se lembra de nós, e com as mais agradaveis lembranças.

Um dos brilhantes redactores do *Voltaire* foi ha dias fazer-lhe uma visita (rua de Montaigne, 11, Paris). Falaram muito. Elle, curioso e miúdo, indagava, pedia episodios, exigia uma biographia, e ella, amavel, e contente porque lhe falavam em inglez—única lingua que entende—ia satisfazendo e aclarando tudo, amena e interessante. Contou-lhe como começou. Que paizes percorreu depois. A Allemanha, a Austria, a Hollanda, a Russia. A Hespanha, onde esteve tres mezes e d'onde a não queriam deixar sair. Quaes as suas impressões de viagem. Tudo.

E de nós?

«—Oh! em Portugal é que foi! O proprio rei quiz-me ver e mandou-me convidar. Fui sozinha. Um reposteiro pegou-me no bilhete e acompanhou-me a uma sala côr de rosa. N'um angulo estava um homem, baixo, a escrever. Levantou-se assim que me viu e veio ter comigo.

«—Desejava beijar a mão a el-rei...

«—O rei sou eu,—respondeu-me elle.

«Falava o puro inglez. Conversou muito comigo e disse-me que ficasse para o almoço. Grata a honra tão subida e não sabendo como agradecer-a, offereci-me á familia real, que em parte ainda não tinha visto os meus exercicios, para dar ali mesmo uma representação. Mandei vir o meu aquario para a sala de jantar e comi a minha sobrezeza debaixo de

agua, com grande gaudio de todas as pessoas presentes. Quando eu saí, tres minutos e meio depois, a escorrer, el-rei entusiasmado pegou de um anel de brilhantes que tinha na mão e mettu-me no dedo.»

Fantasia? vaidade mentirosa? Não parece. Ha um fundo de verdade nos pormenores, umas minudencias bastante exactas, que mostram pelo menos que ella esteve no Paço.

Como começou, como lhe veio a ideia de viver debaixo d'agua:

«Tinha seis annos quando, achando-me com minha familia em Boston, caí uma vez ao rio. Eu não sabia nadar; fui ao fundo como um prego, —e vim tambem logo acima. Um homem de braços compridos agarrou-me pelos cabellos e tirou-me para fóra. Eu nem um instante sequer perdi os sentidos.

«O meu bravo salvador poizava-me na ribeira e dispunha-se a levar-me a casa, quando recuou estupefacto ao som de uma gargalhada minha e ao ver-me fugir como uma dôida! Já sabia nadar!

«Pouco tempo depois minha mãe deixava cair a um lago uma arrecada que estimava muito. Sem reflectir no que fazia nem me lembrar do susto que causava a minha mãe, atirei-me vestida á agua. Demorei-me um minuto apenas e voltei trazendo a arrecada na mão. Minha mãe, julgando-me morta, tinha desmaiado.

«Desde esse momento nunca mais saí da agua senão para me deitar. Era escuzado ralhar-me: fugia sempre do collegio. Corria á ribeira e mettia-me no rio até que me viessem tirar á força. Uma vocação irrezistivel!

«Em 1875 tive a desgraça de perder quasi ao mesmo tempo meu pai e minha mãe. Um empresario de uma companhia de circo ambulante offereceu-me uma boa quantia para o acompanhar. Aceitei com a condição de me deixar banhar muitas vezes.

«—Pois é para isso mesmo que eu a quero levar comigo.

«Mandou fazer um aquario, e tres vezes ao dia eu lá margulhava; e ficava tanto tempo debaixo d'agua que os espectadores levantavam-se a gritar:

«—Basta! basta!

«Depois, quando eu saía, a esparrilhar agua para todos os lados, o publico pateava de alegria.

«Imagine, meu caro redactor, que gosto eu não ganharia a estes exercicios!

«A's vezes dava-me para metter medo ao meu empresario fingindo que perdia os sentidos no fundo do receptaculo. As primeiras vezes pescaram-me á força, a policia intervinha, e eu ria-me nas barbas dos guardas, que se voltavam irritados para o empresario.

«Este ganhou uma fortuna comigo.»

tiolada flor da vida, encontrava repentinamente a seu lado a figura, a attitud, os desvelos, a supplica, as lagrimas d'um irmão: foi esse nome, que lhe escapou do coração e dos labios, ao sentir a doce aspiração d'essa felicidade com o sentimento da vida.

—Um irmão? oh! não, minha senhora—lhe respondi eu, travando-lhe da mão, que ella estendia para mim, e afastando-a respeitadamente da minha frente, como se não fosse digno de ser tocado por ella; — um irmão não o serei, não o poderei ser, mas um escravo, mas uma sombra viva dos seus passos, que só pede o direito de se recordar d'esta noite, e de conservar para sempre a imagem de uma apparição divina, que obriga a desejar seguil-a até á morte, ou que só pode fazer supportar a vida.

A medida que estas palavras embaraçadas e hesitantes se escapavam dos meus labios, a meia voz, as roseas côres da vida subiam-lhe ás faces, e um sorriso triste desluzava os seus labios como a obstinada des-

Episodio.

«Na Russia succedou-me a seguinte aventura:

«Andava eu a passear nas margens do Neva, e veio-me uma grande vontade de me atirar á agua. Quando isto me succede, não ha rezistir. Meu irmão, que estava comigo, deu-me o meu fato, e atirei-me. No meio do Neva quiz ver o que se passava no fundo. Mergulhei.

«Meu irmão, apesar de affeito a ver-me desaparecer, começou a affligir-se: receava que me tivesse dado a breca. Despiu-se, nadou até ao sitio aonde me tinha visto pela ultima vez e mergulhou tambem. É um nadador consummado. Encontrou-me assentada n'uma grande pedra e debruçada sobre um corpo esverdeado. Era um cadaver! Tinha ao peito um letreiro que dizia *Tvaidor*, escripto em Russo.

«Compreendeu um signal que lhe fiz. Dezatamos a pedra que o individuo tinha ao pescoço e trouxemos para fóra. Era o cadaver de um nihilista que se vendêra á policia secreta.»

A questão do Egypto vai tomando uma phase lugubre e sinistra. A Inglaterra está preparada para todas as eventualidades e deve romper as hostilidades por estes dias. A França, que tem um corpo de exercito pronto á primeira voz, pode, pela boca de Freycinet, licençar ao poder das camaras, para contrahir um emprestimo de oito milhões de francos para as despesas da guerra.

Depois da Turquia soffre o Egypto.

Araby-pachá continúa, em incessantes correrias, na sua lucta desesperada, chamando o povo arabe á guerra sancta.

A Europa está em attitud de vigilancia, perante essa tempestade bellica que deve assolar um povo, e talvez uma raça.

Prologo de fogo, lucta de sangue e epilogo de cadaveres. Eis ahí a que nos leva o progresso do seculo.

Segundo referem de Vizeu, n'uma romaria que houve ultimamente em Serrazes, concelho de S. Pedro do Sul, um grupo de populares, em numero superior a 600, soltou entusiasmaticas vivas á republica, a Magalhães Lima, etc.

Um collega nosso dando esta noticia pôe o etc., por ignorar os outros vivas.

Pois nós sabemos.

Os taes populares deram vivas á republica, a Magalhães Lima, ao vinho verde do mestre Feliciano e ás iccas com ellas.

Um pagode que fez eco na tal romaria.

Os referidos populares eram homens de ideias avançadas em politica e em vinhaça. Revolucionarios em fórmulas de governo e em petisqueiras baratas.

crença da felicidade; os olhos erguidos para o ceu, no enlevo ineffavel da tristeza mysteriosa, parecia ouvirem palavras que só respiciam aos seus intimos pensamentos.

— Nunca a passagem da morte á vida e do sonho á realidade foi tão rapida e visivel na irradiação do rosto.

Espanto, alegria, arrebatamento, languido repouso, melancolia suave, abandono e timidez, graça e recato, o matiz da esperança doirando o desalento escuro, tudo transparecia no semblante reanimado pela vida, colorido pelos esplendores da mocidade.

A scintillação da sua formosura illuminava a humilde cabana sombria tanto como o fulgor da alvorada. Havia mais expansibilidade affectuosa, mais revelações, mais confidencias, mais infinito n'aquelle rosto e n'aquelle silencio do que em milhões de palavras.

O rosto humano é uma lingua, que os olhos comprehendem; a physionomia na mocidade é uma harpa, que a paixão vibra nas mais profundas harmonias do coração.

Transmitte de uma alma a outra

Que Deus os fade bem!

A *Voz do Povo* transcreve o artigo que o nosso collega Heitor Ancel publicou n'esta folha sobre o novo livro de Raul Didier—no *Palco*.

A *Democracia* transcreveu tambem uma correspondencia interessante do nosso illustrado collega Ramonin. O nosso agradecimento.

POSTRES

Mimi, que tem sete ou oito annos e uma mãe bastante leviana, disse hontem á aia:

—Oh! quando eu for grande, hei de casar... mas com um senhor só!

Pela epoca do calor, Calino anda doente, fraco, com más côres.

Um amigo dizia-lhe hoje:

—Porque não vai você ao banho?

—Tenho medo de esquecer lá o relógio.

—Mas se você não tem relógio...

—Eu lhe digo: não tenho relógio porque tenho medo de o esquecer no banho.

TELEGRAMMAS

(DO NOSSO CORRESPONDENTE)

PORTO—10 de julho ás 10 da manhã

Saui o cortejo como eu noticiára. Era precedido pela banda da guarda municipal e fechado por um troço de cavallaria. Os veteranos da liberdade trajavam as suas antigas fardas. Um d'elles levava a bandeira dos Voluntarios da Rainha, bordada pela Sr.^a D. Maria II.

As senhoras lançavam flores das janellas sobre as reliquias do Exercito Libertador, que tambem eram aclamadas pelo povo.

Quando o cortejo recolheu é que foram distribuidas as esmolos aos veteranos pobres.

A's 6 da tarde realisou-se a sessão solemne sob a presidencia do sr. D. Augusto. Discursou o sr. padre Francisco José Patricio sobre a commemoração do dia.

No paço houve jantar de 40 talheres. Estiveram os presidentes da Camara, da Associação Liberal, da Associação Commercial, da commissão dos festejos, e do Tribunal da Relação; o governador civil, o bispo, o general da divisão e os commandantes dos corpos.

As illuminações estiveram brilhantes, e andou sempre muito povo pelas ruas.

Paris, 8.—O sr. de Freycinet pediu hoje á camara dos deputados um credito de oito milhões de francos para aprestos na marinha de

mysterios e segredos de muda intimidade, que nenhuma lingua humana saberia traduzir.

A minha physionomia revelava tambem sem duvida um amigo ao olhar, que se demorava com tanta complacencia sobre o meu rosto.

A minha roupa ainda molhada; o meu cabelo revoltado, mil vezes arrepelado durante a noite com a agitação febril do desespero; o meu pescoço com a gravata desapertada; os meus olhos macerados; o meu semblante mortificado pela insommia e pela commoção; o entusiasmo quasi religioso, que me inclinava diante d'essa mulher angustiada; a inquietação; a alegria; a surpresa; o crepusculo d'essa pobre cabana quasi nua, no meio da qual eu permanecia de pé sem ousar dar um passo, como se tivesse medo de quebrar o encanto da minha alma; os primeiros raios do sol, enfim, que atravessavam a janella, e vinham deslumbrar os meus olhos, fazendo brilhar ainda mal enxutas lagrimas;—tudo devia dar á minha physionomia um poder de expressão e uma transparencia do paizão dolo-

guerra, e disse: «Quando todo o mundo se arma em torno de nós, não devemos permanecer indifferentes: cumpre ao governo tomar providencias e prevenções. Ninguem pensa em empenhar a França em qualquer empreza sem o assentimento das duas camaras.» O projecto de lei foi enviado a uma commissão especial.

Madrid, 8.—A questão do Egypto preoccupa fortemente a opinião publica em Hespanha, porque, sendo esta a segunda potencia colonial no extremo do Oriente, está muito interessada na questão de Suez. Toda a gente aqui acha sobremancira extraordinario que as grandes potencias não tenham contado com a Hespanha para coisa alguma na presente conjunctura. O governo resolveu esta manhã em conselho de ministros não declarar por enquanto terminada a actual legislatura, mas apenas suspensa, para o caso de ser necessario reunir as côrtes e tomar providencias legislativas em vista das eventualidades que se podem dar na questão do Oriente. O Marquez de la Vega de Armijo declarou hoje no senado que proseguirá as negociações com o governo francez acerca da indemnisação dos hespanhoes lesados com os acontecimentos de Saida, e que pediria ás côrtes uma lei analogá á da França, se a legislatura não estivesse proxima a encerrar-se.

Affirma-se nos circulos politicos a noticia de que o sr. Gladstone deu a sua demissão.

ANNUNCIOS

LOTERIA

RELAÇÃO dos numeros mais premiados que saíram na casa de cambio de João Candido da Silva, rua do Ouro, 331, na extracção que teve lugar em 8 do corrente:

953	cautellas.....	[1:000]5000
4046	».....	2005000
2269	».....	1005000
3027	».....	1005000
3225	».....	1005000
3443	».....	1005000
4032	».....	1005000
356	bilheto.....	1005000
3730	».....	1005000

A 14 do corrente terá lugar a extracção da loteria de Madrid, sendo o premio maior

80:000 pesetas

A seguinte loteria portugueza realisa-se no dia 18, e o premio maior é liquido

7:000\$000

rosa, que jámais poderia manifestar segunda vez no decurso d'umalonga vida.

Não me sendo possível soffrer por mais tempo a repercussão intima do tantas commoções, e o triste silencio de uma situação imprevista, chamei as mulheres.

Subiram logo. Soltaram gritos de surpresa, vendo aquella resurreição, que lhes parecia um milagre.

No mesmo instante appareceu o medico, que eu mandara chamar na vespera. Recommendou o repouso, e algumas infusões de plantas das montanhas, que servem para acalmar os movimentos do coração.

Tranquilisou-nos a todos, dizendo que a doença da mocidade das mulheres diminuia e desaparecia muitas vezes com os annos, que era quasi sempre um excesso de sensibilidade, que fazia com que a superabundancia de vida fosse igual aos desfallecimentos da morte; mas que nunca era a morte, a menos que penas intimas não viessem agravar o sentimento por causas moraes, e mudar a melancolia habitual em difficuldade incuravel de viver.

(Continúa)

gar as lagrimas, senti uma mão que tocava na minha e que poisava docemente sobre a minha cabeça, como para afastar-me o cabelo, descobrir o meu rosto, e abençoar-me.

Soltei um grito, olhei, e vi os olhos da doente, que se abriam, a boca, que respirava e sorria, o braço estendido para mim, que me cingia a frente, e ouvi estas palavras: «Oh! meu Deus! eu vos agradeço. Tenho um irmão...»

XX

O ar frio da manhã acordou-a enquanto eu rezava, com o rosto inundado de lagrimas, á beira do seu leito.

Tivera tempo de sentir o ardor da minha compaixão pelo fervor da minha supplica. Reflectira bastante para me reconhecer aos primeiros raios do sol, que penetravam no ambiente crepuscular.

Desfallecida no meio da solidão da noite, acordava sob a dedicação piedosa de um amigo. Privada de todas as relações intimas da alma, na es-

Livraria Industrial

EDITORA

229, RUA AUGUSTA, 231

Manual do Christão Devoto — livro de orações consideravelmente augmentado; impressão em bom papel; gravuras feitas em Paris. (Não confundir a nossa edição com outra que saiu ao mesmo tempo.)
Livros de estado portuguezes e francezes; romances dos principaes auctores; albums para retratos e desenhos; vistas de Portugal, oleographias, chromos, objectos para desenhos. **Unica casa onde se vendem livros para Conservatorios.**

229, RUA AUGUSTA, 231

TYPOGRAPHIA

DA

EMPRESA LITTERARIA LUSO-BRAZILEIRA

5 — PATEO DO ALJUBE — 5

LISBOA

Escriptorio da Empresa — Correios, 140, 1.º Vulgo travessa da Balha

Director-proprietario — A. DE SOUZA PINTO

Esta officina montada com todos os aperfeiçoamentos mais modernos, e com uma esplendida e variada collecção de tipos e phantasias das principaes casas de Paris n'este genero, com magnificas machinas Marinoni de grande formato, prelos e machina Minerva, tendo além d'isso um pessoal escolhido, tanto em composição como impressão, acha-se habilitada a tomar conta de todo e qualquer trabalho, desde o bilhete de visita ou factura até ao de maior importancia em luxo e formato.

Imprime a ouro, prata, côres, em setim, etc.

O preço dos trabalhos, será, quando não menor, igual ao dos outros estabelecimentos typographicos do paiz.

Os snrs. assignantes dos jornaes — **A Volta do Mundo, Antonio Maria, Raças Humanas e Album das Glorias**, gozam em todas as encomendas que fizerem o desconto de dez por cento.

Garante-se a nitidez do trabalho e a prompta execução

Esta officina foi estabelecida pela empresa editora do jornal **A Volta do Mundo** e das **Raças Humanas**, etc., para ali se imprimirem estas publicações, bem como o jornal **Antonio Maria** (capa), etc.

O luxo e nitidez d'ellas são specimen sufficiente para que o publico possa avallar a veracidade do que se promette. A **Empresa Litteraria Luso-Brazileira**, que até hoje tem cumprido tudo quanto tem promettido, que nunca faltou ao seu programma, espera não faltar agora tambem ao que lhe for exigido.

Espera portanto que o respeitavel publico em geral e os seus amigos e freguezes coadjuvem o abaixo assignado nos esforços empregados.

O DIRECTOR-PROPRIETARIO
A. de Souza Pinto.

MAISON DE NOUVADES
ALVARO JOSÉ BAPTISTA
RUA DO OUBRO

BAZAR REIS
CAFETEIRAS RUSSAS
NOVAS MACHINAS PARA CAFÉ

Grande diversidade em lindos objectos de phantasia do mais fino gosto proprio para brinde, e muitos outros apropriados para premios etc. BAZAR REIS nas proximas festas christaenas.

O ANTONIO MARIA

Publicação humerística illustrada

FOR

BORDALLO PINHEIRO

E collaborada por distinctos escriptores

Estão publicados 3 vol. que são um verdadeiro bijou de assumptos politicos, theatraes, etc., etc., com referencia aos tres ultimos annos de 1879, 80 e 81. Existe um diminuto numero de collecções completas, e dentro em pouco tempo será difficil obter um exemplar.

Os 3 vol. lindamente encadernados, e com pastas exteriores para resguardar o brilho d'aquellas, preço 15,400 réis. O preço será augmentado dentro de pouco tempo.

A venda na **Empresa Litteraria Luso-Brazileira**, rua dos Correios, 140, 1.º, Lisboa, administração do Antonio Maria. Toda a correspondencia dirigida a **A. de Souza Pinto**.

Aos snrs. assignantes d'esta publicação

No escriptorio da mesma empresa recebem-se collecções para encadernar e arranjar nas mesmas condições ao preço de 3,750 réis os 3 vol.

PILULAS CATHARTICAS AYER
AYER'S CATHARTIC PILLS
PARA TODAS AS USOS DUMA
Purgante nas Familias.

Vende-se nas principaes pharmacias e lojas de perfumarias.
AGENTES GERAES
JAMES CASSELL & C.
Rua das Flores, 130, 1.º
PORTO

O Vigor do Cabello de Ayer
AYER'S HAIR VIGOR
RESTAURA AO CABELLO
CRESCEMTO DA
VIGOR E COE NORMAS
PROVINCIA SEM FOME
NAO O CABELLO,
TORNANDO-O
MACIO, FLEXIVEL E LUSTROSO.

ENCYCLOPEDIA DAS ENCYCLOPEDIAS

Diccionario Universal Portuguez

Linguistico, historico, geographico, etc.
ILLUSTRADO

A obra mais completa e extraordinaria que até hoje tem visto a luz da publicidade

Publicou-se o fasciculo 36.º ou paginas 1677 a 1716, contendo o frontespicio e o prologo da obra além dos artigos ATTILA e AUCTOR.

Preço do fasciculo: — Em Lisboa, 400 réis; no Brazil, 1,200 réis fracos.

Assigna-se em Lisboa na livraria do editor Henrique Zeferino, 87; rua dos Fanqueiros.

No Rio de Janeiro em casa de Arthur Teixeira, 95, rua dos Ourives.

Executam-se VESTIDOS e CONFECCOES com a maxima perfeição, rapidas, e por preços muito resumidos, assim como ENXOVAES completos para NOIVAS a vista dos ultimos figurinos. Satisfazem-se encomendas de todas as terras do reino e illas, encarregando-se dos transportes com a maior promptidão.
N. B. Todos os artigos de modas são vendidos na **MAISON DE FRANCE**, por preços consideravelmente resumidos, e por isso os proprietarios d'esta casa esperam merecer a deferencia dos seus clientes.

TRAVESSA DE SANTA JUSTA, 61 — 1.º ANDAR

ATELIER DE VESTIDOS

Ha uma verdadeira exposiçao de elegantes CHAPEOS, executados pelos ultimos modellos das mais acreditadas MODISTAS DE FRANÇA; para SENHORAS e CRIANÇAS. Arranjam-se todos os chapéos antigos e modas pelos ditos modellos, e ha todos os preparos para os confeccionar. Cascos para chapéos de 500 a 4,500 réis.

MAISON DE FRANCE

ESPECIALIDADE EM CHAPEOS E CONFECCOES

ALMANACH DO ANTONIO MARIA PARA 1882

Preço 300 réis

A venda no escriptorio da Empresa Litteraria Luso-Brazileira, Correios, 140, 1.º

ALBUM DAS GLORIAS

Desenhos de Raphael Bordallo Pinheiro

A primeira publicação n'este genero

Já estão publicados 28 perfis. — Preço avulso 120 réis; assignatura, 12 numeros, 1,200

Assigna-se no escriptorio da Empresa, rua dos Correios, 140, 1.º

A venda no escriptorio da Empresa Litteraria Luso-Brazileira, Correios, 140, 1.º

ALMANACH DO ANTONIO MARIA PARA 1882 PREÇO 300 REIS

AS RAÇAS HUMANAS

POR

LOUIS FIGUIER

VERSÃO PORTUGUEZA

DE ABILIO LOBO

Um volume de 650 paginas, nitidamente impresso, magnifico papel, contendo 266 esplendidas gravuras, muitas das quaes de pagina inteira e OITO bellissimos chromo-lithographias

Preço: brochado, 3,000 réis; lindamente encadernado e dourado pela folha, 3,600 réis

Empresa Litteraria Luso Brazileira, Editora — Travessa da Palha, 140, 1.º — Lisboa